



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CERRO LARGO/RS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL -
LICENCIATURA

BRUNA LUIZA MALLMANN

O CORPO FEMININO EM PROTESTOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

CERRO LARGO

2019

BRUNA LUIZA MALLMANN

O CORPO FEMININO EM PROTESTOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus* Cerro Largo/RS, como requisito parcial para aprovação no Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Caroline M. Schneiders

CERRO LARGO

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Mallmann, Bruna Luíza

O CORPO FEMININO EM PROTESTOS: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA / Bruna Luíza Mallmann. -- 2019.
33 f.

Orientador: Doutor em Letras pela Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM) Caroline Mallmann
Schneiders.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Letras-Português e Espanhol-Licenciatura, Cerro Largo,
RS , 2019.

1. Sujeito. 2. Discurso. 3. Corpo. 4. Feminismo. 5.
Identidade. I. Schneiders, Caroline Mallmann, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

BRUNA LUIZA MALLMANN

O CORPO FEMININO EM PROTESTOS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras: Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Dra. Caroline Mallmann Schneiders

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

16 / 10 / 2019

BANCA EXAMINADORA


Dra. Caroline Mallmann Schneiders – UFFS
(Presidente/Orientador)


Dra. Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS


Dra. Ana Cecilia Teixeira Gonçalves – UFFS

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a formulação, constituição e circulação dos discursos do e sobre o corpo feminino. Nosso *corpus* analítico conta com imagens de mulheres feitas durante a manifestação política “#ELENÃO”, de 2018, que circularam, sobretudo, nas redes sociais daquele mesmo ano. Nessas imagens, as mulheres em questão estão com seus corpos pintados com inscrições, símbolos, adesivos e palavras de ordem que representam o movimento. Ou seja, entendemos que existe uma materialidade discursiva. O corpo conserva a materialidade do sujeito, logo, esse corpo, em um contexto de manifestações, é simbólico e produz uma discursividade sobre o sujeito. Desse modo, interessa-nos olhar discursivamente para nosso objeto de estudo para compreender o funcionamento da ideologia que é constitutiva do discurso. Nossa pesquisa justifica-se, portanto, por sua relevância social, já que se volta para questões que desestabilizam discursos hegemônicos em uma sociedade altamente hierárquica e patriarcal. A metodologia utilizada para esse trabalho é da Análise de Discurso de linha francesa, tendo como seu maior expoente, Michel Pêcheux(2009), além de estudiosos do tema como Foucault(2018), Courtine(2018), Pinto(2003), entre outros. Essas rupturas no discurso produzem outros modos da mulher se significar na sociedade, bem como refletir sobre sua constituição enquanto sujeitos. Em nossa perspectiva, entendemos que o corpo está atravessado pelo político, existem relações de poder que operam sobre ele, marcando-o, adestrando-o, cobrando dele signos. Ao lançarmos gestos interpretativos sobre as imagens, aprendemos mais sobre nós mesmos, o mundo a nossa volta e as relações de poder que afetam e constituem o discurso sobre o corpo.

Palavras-chave: Mulher. Corpo. Resistência.

ABSTRACT

This work intends to understand the formulation, constitution and circulation of the discourses of and about the female body. Our analytical corpus includes images of women made during the political manifestation “ELENÃO” of 2018, that circulated, above all, on social networks that same year. In these images, the women in question have their bodies painted with inscriptions, symbols, stickers and slogans that represent the movement. That is, we understand that there is a discursive materiality. The body preserves the subject's materiality, therefore, this body, in a context of manifestations, is symbolic and produces a discursiveness about the subject. That way, we are interested in looking discursively at our object of study to understand the functioning of the ideology that is constitutive of discourse. Our research is therefore justified by its social relevance, since it focuses on issues that destabilize hegemonic discourses in a highly hierarchical and patriarchal society. These ruptures in discourse produce other ways for women to signify themselves in society, as well as to reflect on their constitution as subjects. In our perspective we understand that the body is crossed by the politician, there are power relations that operate on him, marking him, training him, charging him signs. As we launch interpretative gestures on the images, we learn more about ourselves, the world and our own and the power relations that affect and constitute the discourse about the body. The methodology used for this work is of the Analysis of Discourse of French line, having as its biggest exponent, Michel Pêcheux, as well as scholars of the subject such as Foucault, Courtine, Pinto, among others.

Keywords: Woman. Body. Resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Registro divulgado pela mídia Ninja.....	22
Figura 2 - Registro de fotografia pela mídia Ninja.	22
Figura 3 - Registro da Mídia Ninja: protesto da mulher amordaçada.	23
Figura 4 - Protesto da mulher.....	24

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	O FEMINISMO NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO.....	12
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO	15
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
4.1	O CORPO FEMININO ENQUANTO INSTRUMENTO POLÍTICO	19
5	CONCLUSÃO	29
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século passado e início do século XXI, as questões relacionadas à mulher e ao seu papel na sociedade têm transformado as relações sociais, sobretudo, no ocidente. Essa mulher, que até tão recentemente, em termos históricos, era a recatada e “do lar”, tem buscado maior representatividade política junto a grupos e coletivos feministas.

Começemos por aí, mas então, o que é ser mulher hoje? Pensadores como Foucault (2018) e De Beauvoir (2009) nos dizem que ser mulher está além de determinações biológicas, trata-se de uma construção cultural. É preciso tornar-se mulher e tornar-se mulher todos os dias. Isso significa dizer que a mulher diariamente se depara com relações de poder em que estão sedimentados valores patriarcais e machistas. Isso significa dizer, também, que, em muitos casos, há discriminação de gênero, condições desiguais no trabalho, relações abusivas, violência física e psicológica, desrespeito à liberdade e ao corpo da mulher, etc. E esses são apenas alguns dos abusos que a mulher enfrenta todos os dias. Ser mulher, hoje, significa lutar contra a opressão, “sair da bolha” todos os dias, algo que não é uma tarefa fácil já que, ao mesmo tempo que somos vítimas, também contribuimos para perpetuar valores e comportamentos.

A mulher foi objeto de dominação masculina por milênios. O sexo feminino era definido pelo olhar masculino e podemos observar essa condição em diferentes movimentos como exemplo na religião, nas artes e na filosofia. Para o catolicismo, a origem da mulher é explicada a partir das costelas do homem. Nas artes do período paleolítico (entre 24 a.C. e 22 a.C.), o feminino representado pela Vênus de Willendorf, realçava características relacionadas à fertilidade da mulher. Na filosofia, grandes pensadores, como Proudhon (1858 apud BLOCH, 1995), diziam que as mulheres eram inferiores aos homens, inclusive tal autor “prova” sua teoria sobre as mulheres com uma fórmula aritmética:

Ideias desconexas, raciocínios ilógicos, ilusões tomadas por realidade, analogias vazias transformadas em princípios, uma disposição de espírito fatalmente inclinada à destruição: esta é a inteligência da mulher [...]. E uma vez que, no que concerne à vida econômica, política e social, o corpo e a mente trabalham juntos, cada um multiplicando o efeito do outro, então o valor físico e intelectual do homem comparado ao a mulher atinge uma proporção

de 3 x 3 para 2 x 2, ou de 9 para 4. Sem dúvida, se a mulher contribuir para a ordem e a prosperidade social no grau que lhe corresponde, é justo que sua voz seja ouvida; mas que na assembleia geral o voto do homem conte por 9 e a mulher por 4; isto é decidido pela aritmética quanto pela justiça (PROUDHON, 1858, p. 348-361 apud BLOCH, 1995, p. 87).

É inquietante pensar que homens que desenvolveram importantes reflexões sobre a humanidade também tivessem ideias dessa natureza. Schopenhauer (1964) também foi um deles.

Pois assim como a natureza equipou o leão com garras e dentes, o elefante com presas, o javali com colmillos, o touro com chifres e a siba com tinta, do mesmo modo equipou a mulher com o poder da dissimulação como seu meio de ataque e defesa, e transformou nesse dom toda a força que conferiu ao homem na forma de força física e poder de raciocínio. A dissimulação, portanto, é inata nela [...]. Fazer uso disso a cada oportunidade é tão natural para ela como o é para um animal empregar seu meio de defesa sempre que é atacado [...]. Uma mulher inteiramente confiável que não pratica a dissimulação é talvez uma impossibilidade. (SCHOPENHAUER, 1964, apud BLOCH, 1995, p. 209).

Consideramos que apesar desses homens serem brilhantes dentro de suas áreas do conhecimento, também são produto de seu tempo e das condições históricas e sociais em que viviam.

Para De Beauvoir (2009), a realidade foi definida segundo o olhar masculino, a mulher existia em relação ao sexo masculino, o homem definiu a sua existência, seus valores, seu modo de se comportar e pensar. O homem sempre foi o absoluto, o sujeito de que se tinha certeza. O sujeito só se põe se opondo no reconhecimento do outro, do diferente; no entanto, contrariando essa lógica, não existiu essa reciprocidade entre homens e mulheres. O homem se impôs como absoluto, o único, negando à mulher sua existência, tornando-a um objeto e não um ser humano. Por muito tempo, a mulher aceitou a dominação masculina, sendo recente sua mudança de posicionamento na sociedade.

Nas últimas décadas, é possível identificar uma série de práticas que tem remodelado a realidade da mulher, e, na maioria dos casos, isso ocorreu pela luta de grupos e movimentos de mulheres. Esses grupos têm reinscrito o sujeito mulher na sociedade, produzindo novos discursos sobre a mulher, assumindo posicionamentos, (re) criando identidades, saindo da subalternidade para entrar no protagonismo de sua história.

Para Courtine (2018), esses movimentos, considerados como práticas sociais, foram e são indispensáveis, pois funcionam como resistência política aos discursos hegemônicos. Falar em feminismo, hoje, pressupõe uma série de práticas e movimentos contra hierarquias culturais, políticas e sociais herdadas do passado. Nesse sentido, por volta dos anos de 1970, a luta pelos direitos da mulher passou se vincular fortemente com o feminismo. Isso significa dizer que lutar pela igualdade entre os sexos pressupõe uma identificação com práticas feministas.

Dentro desse movimento dos anos 1970, as discussões feministas passam a se concentrar no corpo da mulher. Esse corpo censurado e vigiado passa a ser transgressor. E é nessa perspectiva que pretendemos nos debruçar, compreender a formulação, constituição e circulação do discurso do e sobre o corpo feminino como um modo de ser resistência a discursos hegemônicos. O corpo feminino interessa-nos enquanto uma materialidade significativa no discurso, constituindo-se como uma representação do político e do ideológico de minorias políticas.

Em nosso movimento analítico, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, além de teóricos que tratam de questões específicas do tema de nossa pesquisa. Nosso *corpus* analítico foi composto por imagens que representam o sujeito feminino em manifestações políticas em que ele utiliza o seu corpo como instrumento para se manifestar, conseqüentemente, produzindo discursos.

As imagens que mobilizamos vinculam-se à manifestação política conhecida como #ELENÃO que ocorreu em 2018. Essas imagens circularam sobretudo nas redes sociais daquele mesmo ano. Para tanto, selecionamos algumas postadas na rede social do Instagram pela Mídia Ninja, o veículo jornalístico que fez a cobertura da manifestação ocorrida no dia 29 de setembro de 2018, nas principais cidades do país.

O recorte analisado conta com imagens de mulheres que estão seminuas. Em seus corpos, há pinturas, adesivos e palavras de ordem que representam simbolicamente o movimento. Para nós, essas imagens apresentam uma materialidade que se discursiviza a partir desses símbolos que conservam e, ao mesmo tempo, chocam-se com valores culturais e históricos do e sobre o corpo feminino.

Assim, nossa pesquisa volta-se para a compreensão do funcionamento discursivo que é posto em ação a partir de imagens selecionadas da manifestação política intitulada #ELENÃO, que tem como protagonistas mulheres que mobilizam sentidos, utilizando seu corpo como instrumento político. O protagonismo feminino nas eleições presidenciais de 2018 dentro do movimento #ELENÃO foi iniciado nas redes sociais e posteriormente tomou as ruas em 29 de setembro de 2018. Nele destaca-se a tomada de posição de mulher em repudia ao polêmico presidencial, hoje presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro do Partido Social Liberal (PSL).

Nossa pesquisa justifica-se, portanto, por sua relevância social, já que se volta para questões que desestabilizam discursos hegemônicos de uma sociedade altamente hierárquica e patriarcal. Essas rupturas no discurso produzem outros modos da mulher se significar, possibilitando à sociedade olhar para a mulher, o sujeito feminino sob outras perspectivas, relacionadas à condição da mulher e aos valores como os de igualdade, liberdade e respeito. Nesse sentido, pretendemos lançar gestos de interpretação sobre as imagens, para aprendermos mais sobre nós mesmos, o mundo a nossa volta, as relações de poder as quais estamos imersos e nos afetam, de alguma maneira, todos os dias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O FEMINISMO NO BRASIL: UM BREVE HISTÓRICO

Antes de nos aprofundarmos em questões teórico-analíticas de nosso trabalho, precisamos considerar as condições de produção do discurso em questão, além de destacar como o percurso do feminismo brasileiro, ao longo da história, ajuda-nos a entender os discursos que circularam no movimento #ELENÃO. Desse modo, apresentamos, nesta seção, algumas informações sobre o tema em questão, consideradas por nós importantes.

Uma das principais estudiosas da história do feminismo no Brasil, na atualidade, Céli R. J. Pinto (2003) fala que o feminismo desperta ódios e paixões, já que se caracteriza por um movimento que transgride os costumes de uma sociedade em que o grito do oprimido finalmente parece ecoar. Em termos históricos, o confronto feminista a valores patriarcais é recente. Foi somente nas últimas décadas do século XIX que aparecem as primeiras movimentações feministas na busca pela igualdade de direitos entre os sexos.

Conforme Pinto (2010), a primeira onda feminista ocorreu na Inglaterra e se organizou em torno do direito ao voto, “As *suffragetes*”, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres e conquistaram o direito ao voto em 1918. No mundo todo, inclusive no Brasil, o movimento inicialmente se organizou em torno do sufrágio feminino, e, em seguida, começaram a aparecer grupos distintos, com objetivos diferentes. Durante esse período, os movimentos agiram por si só e não obtiveram apoio da sociedade civil e de instituições governamentais. Destacamos, em seguida, três vertentes feministas que Pinto (2003) identificou como mais sólidas no início do século XX.

A primeira delas tinha como principal figura do movimento Bertha Lutz, que atuou junto a causa a partir da década de 1920, até sua morte nos anos de 1970. Bertha foi uma das fundadoras da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino (FBPF) e fez campanhas consistentes pedindo o direito feminino ao voto no Senado. A primeira fase do movimento possuía um caráter mais “comportado” e era bem organizado. A ele pertenciam mulheres da elite social brasileira. Isso se explica, em grande parte, pela oportunidade ao acesso à educação e à cultura dessas mulheres,

que, conseqüentemente, fez com que elas entrassem em contato com os ideais feministas que circulavam na Europa e nos Estados Unidos.

A segunda vertente tinha à frente do movimento mulheres trabalhadoras e cultas (professoras, escritoras e jornalistas) que defendiam a educação da mulher e falavam em dominação masculina. Esse grupo de mulheres também falava de temas extremamente ousados para a época, como a sexualidade e o divórcio. Consideravam que a exclusão da mulher era relacionada ao poder que o sexo masculino exercia.

Somavam-se a esses dois grupos feministas as operárias anarquistas, reunidas na União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas. O movimento contava principalmente com trabalhadoras braçais e tinha como reivindicação central a exploração do trabalho que, para elas, estava relacionado à dominação masculina.

Essa primeira onda feminista iniciada no mundo, principalmente na Europa e Estados Unidos, perdeu força na década de 1930 e praticamente extinguiu-se quando os ideais socialistas se disseminaram pelo mundo. Dessa maneira, não havia mais espaço para o feminismo, e ele só reapareceria na década de 1960 (PINTO, 2010).

A ditadura que se instaurou no Brasil, de 1964 até 1985, foi um atraso para a sociedade brasileira. O Brasil estava distante dos Estados Unidos e da Europa que vinham, cada vez mais, inspirando-se no movimento *hippie* e *beat*. No mundo inteiro, vivia-se uma explosão de arte e cultura. No Brasil, o movimento feminista estava “congelado” pela ditadura, era perigoso manifestar-se, principalmente a partir do decreto AI-5, em 1968. Todavia, a autora destaca que foi também nesse período que se pôde perceber um maior interesse do feminismo pela política, pois era iminente combater à ordem vigente.

O ano de 1975 é considerado um marco para o feminismo no mundo. No México ocorre a I Conferência Internacional da Mulher, pois é declarado, pela Organização das Nações Unidas (ONU), como o Ano Internacional da Mulher, sendo os próximos dez anos considerados como a década da mulher. No Brasil, também ocorre a criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Pinto (2003) enfatiza que essa medida dá ao feminismo, à questão da mulher, um novo *status* diante do governo opressor.

Em 1989, com a redemocratização do Brasil, surgem inúmeros grupos feministas; a mulher conquista seu espaço institucional e passa a ocupar diversos campos, inclusive, a política, um cenário predominantemente masculino. São criadas delegacias especiais para a mulher, conselhos e ministérios.

A “carta das mulheres” promovida pelo Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM) com a autoria de mulheres chamadas à Brasília é um dos mais importantes marcos do feminismo contemporâneo. Na carta, são levantadas questões referentes à condição da mulher na sociedade e entre os principais tópicos aparecem a violência contra a mulher e a discussão sobre o aborto. Dessa carta resulta a Constituição de 1988, que é umas das que mais garante direitos à mulher no mundo. (PINTO, 2003)

Em 1990, o feminismo passou a concentrar sua atuação em Organizações Não-Governamentais (ONGs), com atendimento especializado a vítimas de violência; nesses espaços havia profissionais da saúde e da área jurídica que orientavam a mulher. (PINTO, 2003)

O CNDM foi deixado de lado durante o governo de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso, no entanto, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva (2003), foi criada a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Esse contexto sócio-histórico ajuda-nos a refletir sobre o lugar que a mulher ocupava na sociedade. Desde as primeiras reivindicações, nada veio de graça, pelo contrário, houve luta e muita pressão junto aos órgãos governamentais para que os direitos da mulher fossem respeitados. Também podemos verificar relevância do espaço público para as causas feministas, pois é nele que ocorrem a maioria dos enfrentamentos políticos. As mulheres criaram espaços de resistência e de militância em que são produzidos novos dizeres sobre o que é “ser” mulher. Além do mais, nas últimas décadas, grande parte desses questionamentos tem se desdobrado sobre o corpo da mulher, visto que ele tem sido alvo constante de violências físicas e psicológicas.

3 PRESSUPOSTOS TEORICO-METODOLOGICOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Para o desenvolvimento desta pesquisa, torna-se, necessário considerar alguns conceitos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso francesa. Tais pressupostos nos ajudarão a refletir sobre o nosso objeto de estudo enquanto materialidade significativa, tendo em vista sua especificidade linguística, histórica e ideológica.

Ao consideramos nosso objeto, o corpo, enquanto materialidade significativa, entendemos que, assim como o discurso, o corpo é atravessado por inúmeros dizeres, isto é, constituído por já-ditos, que permitem ao sujeito ter a ilusão de ser a origem do seu dizer, sem se dar conta de que é afetado pelo interdiscurso, ou seja, pela rede de dizeres relacionada ao seu contexto histórico, social, cultural, etc. Consideramos que a linguagem não é transparente, tem uma materialidade possível de observação que está relacionada com a exterioridade, portanto, ela vincula-se a processos sócio históricos constitutivos do discurso. Mas antes de nos determos nessas questões mais específicas, vamos aos pressupostos teórico-metodológicos gerais.

Nossa pesquisa está vinculada à perspectiva da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux (1938-1983), teórico que reflete sobre a linguagem, no modo como ela se materializa na ideologia e explicita processos de significação, determinação histórica, bem como as relações de poder. Pêcheux compreende que a língua possui historicidade em seus processos de produção de sentidos.

De acordo com Orlandi (2005), a AD é uma disciplina que ensina a ler sob a superfície opaca e ambígua do texto, um dispositivo que permite analisar o político, sendo um campo sempre aberto a novas interpretações e gestos de leitura. A AD trabalha com as relações entre o sujeito, a língua e a história.

O discurso é o objeto da AD e se parte do pressuposto de que não há discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. O discurso, é, para Pêcheux(2009), o efeito de sentidos entre locutores e, conforme a perspectiva discursiva, a língua é o lugar material em que o discurso se realiza (ORLANDI, 2012). É por meio da relação da língua com a ideologia que somos interpelados em sujeitos do discurso e é a partir do discurso que propomos lançar gestos interpretativos sobre nosso objeto de estudo.

O discurso é determinado por já-ditos que marcam a posição ideológica em que o sujeito se inscreve. Esses já-ditos são constituídos pelo interdiscurso que, de acordo

com Schneiders (2011), atualiza dizeres, colocando em funcionamento uma determinada memória discursiva que não apenas retoma saberes, mas os (re) produzem em um determinado tempo e espaço. Ao reproduzi-los em outras conjunturas, movimentam-se os sentidos, uma vez que esses saberes já postos passam a estar vinculados a outras condições sócio históricas e ideológicas. Essa reprodução constitui-se também a partir das relações políticas e sociais a que o sujeito se filia, regionalizando os dizeres em formações discursivas.

Essas formações, como nos ensina Pêcheux (2009, p. 147, grifos do autor), estão naquilo que, “numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito*”, ou dizendo de outro modo, o mesmo autor esclarece: as palavras não possuem um sentido em “si mesmas”, elas não são transparentes, elas mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por quem as utiliza. As palavras recebem seu sentido de formações discursivas na qual são produzidas, os indivíduos são interpelados em sujeitos pelas formações discursivas que representam na linguagem, as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 2009).

Nesse sentido, Pêcheux (2009) considera que tanto a ideologia como o inconsciente têm o caráter de dissimular sua própria existência no interior do seu funcionamento, de modo que as formações discursivas também possuem esse caráter contraditório “do esquecimento” presente no interdiscurso. Ainda, o autor compreende que algo sempre fala antes em outro lugar e independentemente; o sujeito do discurso não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento. Nesse ponto, cabe uma reflexão feita por Foucault (2012, p. 24) sobre esse paradoxo: “dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito”. O sujeito constitui-se pelo esquecimento daquilo que o determina, os elementos do interdiscurso constituem o seu discurso.

Os já-ditos tornam possíveis os dizeres relacionados com aquilo que pode e deve, ou não, ser dito em uma conjuntura, ou seja, estão ligados às condições de produção. Eles sustentam a possibilidade de todo dizer, além de serem fundamentais para compreender o funcionamento do discurso em sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Ao observarmos o interdiscurso, podemos remeter a uma rede de filiações de dizeres e identificá-los em sua historicidade e significância política e ideológica (ORLANDI, 2015). Existe um assujeitamento ideológico que constitui o sujeito do

discurso. Do mesmo modo, entendemos que nosso objeto de estudo, o corpo feminino, não é neutro, ele tem sua carga histórica e ideológica que se manifesta no modo como esse sujeito se discursiviza de acordo com sua formação discursiva.

Para explicitarmos a posição-sujeito inscrita no discurso, devemos compreender qual a formação discursiva (FD) em funcionamento no discurso. A FD, como já mencionado, determina o que pode e deve ser dito em determinadas condições de produção, podendo o sujeito se identificar, contraidentificar ou desidentificar com a ideologia dominante.

Pêcheux (2014) destaca que os objetos ideológicos funcionam de acordo com a orientação dos interesses dominantes, as relações de desigualdade-subordinação entre os diferentes aparelhos ideológicos do Estado constituem a cena da luta ideológica.

Assim, quando nós voltamos para nosso objeto de análise, entendemos, de antemão, que os sentidos apontam para uma contra identificação das mulheres nas imagens com o corpo social que lhes foi dado. As imagens que serão analisadas têm como característica questionar e desestabilizar os sentidos desse corpo feminino aceito socialmente. De acordo com Indursky (2016), a contra identificação faz com que o sujeito do discurso questione saberes pertencentes à formação discursiva em que ele se inscreve e o faz a partir do interior desta mesma formação discursiva. Assim, a militância feminina que utiliza o corpo como ferramenta política organiza-se dentro do próprio sistema no qual se inscreve, e foi às ruas com um discurso contra hegemônico, possibilitando a emergência de outros discursos sobre a mulher.

As formações discursivas permitem que compreendamos os processos pelos quais o sujeito identifica-se na história e os modos como esse sujeito vai se subjetivar nas relações sociais, buscando criar identidade e sua própria narratividade.

Assim como a língua, o corpo é uma forma material que tem elementos específicos em sua composição, é simbólico, possibilita lançar sobre ele gestos de interpretação a partir das suas condições de produção históricas. Sendo nosso objeto simbólico, detentor de códigos específicos, ele não escapa à ideologia. Assim como a linguagem, o corpo não é neutro, está investido de sentidos e coloca o sujeito em lugar de fala. Ele nos permite fazer diferentes recortes e análises, sendo um objeto inesgotável.

O corpo conserva a materialidade do sujeito; logo, o corpo, em um contexto de manifestações, produz uma discursividade sobre o sujeito. Para Zoppi Fontana e

Ferrari (2017), é por meio da linguagem, que é a materialidade própria da memória histórica de uma sociedade, que podemos observar os processos discursivos em funcionamento, ou seja, que requerem interpretação.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 O CORPO FEMININO ENQUANTO INSTRUMENTO POLÍTICO

Podemos dizer que a importância que o corpo recebeu ao longo da história varia, sendo que a ele foram conferidos diferentes sentidos, dependendo de cada época. Para Berguer (2006), a modernidade trouxe um ideário e costumes burgueses que transformaram as relações com o corpo. Na Idade Média, por exemplo, os dogmas religiosos haviam reduzido a importância do corpo, e a atenção voltava-se para os aspectos ligados à alma e isso se modificou com a modernidade.

Entre os medievais, grande parte das experiências da vida passava pelo corpo, entretanto, o sentido dado a ele era outro. Na Idade Média, havia mais liberdade corporal. O corpo medieval não era o corpo singularizado, individualizado do burguês. Nesse período, o corpo e a alma ainda não haviam se separado. Praticamente todas as atividades relacionadas ao corpo eram públicas, como comer, dormir, banhar-se. Também, as atividades excretoras eram feitas em público e os órgãos sexuais eram nomeadas com naturalidade. A relação com a vergonha e a nudez não era motivo de censura. Já na Idade Moderna, o corpo se singulariza, torna-se privado e reflete seu dono (BERGUER, 2006).

Para Courtine (2018), o corpo está mergulhado no campo político, as relações de poder atuam sobre ele para marcá-lo, adestrá-lo, constrangê-lo, obrigá-lo a cerimônias, cobrar dele signos.

Foi o século XX que inventou o corpo, a partir das observações de Freud de que o inconsciente fala pelo corpo, passou-se a levar em conta o corpo na formação do sujeito. Com a modernidade, o corpo passou a ser uma prisão e cria-se a ideia de individualidade, nesse sentido, Courtine (2018) destaca o papel feminista, nos anos de 1970, atuando de maneira consistente quando as mulheres foram às ruas reivindicando “nosso corpo nos pertence”, utilizando-o como um modo de se opor ao discurso do poder.

Desse modo, o corpo é o lugar de simbolização onde se marcam os sintomas sociais e culturais de uma sociedade. Ao voltarmos nosso olhar para ele, lançamos gestos de interpretação sobre a constituição do corpo em determinado tempo e espaço. Para Orlandi (2004), os gestos de interpretação constituem-se em função de o espaço simbólico ser marcado pela incompletude. As explorações de novas formas

de significar o corpo apontam para diferentes possibilidades da mulher viver o social. São diferentes formas de se manifestar e de ocupar espaços, o que, em determinados momentos, produz rupturas nos discursos hegemônicos.

Entendemos que, na pós-modernidade, o corpo ocupa um lugar de fala da mulher, pelo qual ela coloca-se no mundo, identifica-se, individualiza-se. E, em especial, rompe com os discursos socialmente estabilizados, produz questionamentos sobre os modos de ser mulher e funciona como um processo de resistência da mulher, da feminista ao patriarcado. Orlandi (2012) nos diz que são “corpos fora lugar”, uma vez que desorganizam os sentidos. Corpos que foram corrompidos por práticas de exclusão, agora ganham visibilidade e afetam valores tradicionalmente aceitos.

Nosso objeto de análise constitui-se por imagens, sendo que essas, em si, já têm um papel diferenciado, pois produzem um efeito de memória. Para Dallavon (1999), a imagem é também um operador de memória social, uma vez que ela convida o espectador a dar sentido ao que vê e sua interpretação ocorre sempre na e pela linguagem.

Nosso movimento analítico e interpretativo, tendo em vista o nosso objeto de pesquisa, busca explicitar a relação entre língua e o sujeito do discurso. É na materialidade linguística e histórica das imagens selecionadas que os sentidos evocam do corpo da mulher. Assim, buscamos descrever e interpretar os processos de identificação dos sujeitos, explicitando a opacidade da linguagem em sua relação com o político e o ideológico.

O *corpus* analítico é composto por recortes de imagens que representam as maneiras de o sujeito feminino protestar utilizando seu corpo como um instrumento político, portanto. Para a seleção do *corpus* analítico, levamos em conta o tema de nossa pesquisa, as imagens selecionadas explicitam uma materialidade discursiva nos espaços de protesto e militância feminina. Por meio desse *corpus*, entendemos que será possível compreendermos a ideologia em funcionamento.

Escolhemos, assim, algumas imagens do movimento #ELENÃO por ser um acontecimento recente (2018) na história do Brasil que nos permite refletir sobre a constituição do sujeito feminino e suas práticas sociais e discursivas na atualidade a partir de determinações históricas e ideológicas no processo de produção de sentidos que circularam ao longo das eleições presidenciais daquele ano. O corpo feminino assume uma posição política e ideológica quando vinculado a manifestações políticas,

essas práticas correspondem a gestos de resistência de minorias políticas, mas também um modo de o sujeito feminino se significar nesses espaços.

Nosso gesto interpretativo sobre o arquivo de pesquisa é, portanto, balizado pelo dispositivo teórico e analítico inscrito no interior da materialidade discursiva. Na perspectiva em que nos situamos, não trabalhamos com uma metodologia pronta e fechada porque a AD propõe um olhar interpretativo sobre o objeto de análise. Assim, através do dispositivo teórico oferecido pela AD, mobilizamos, conforme a nossa temática de pesquisa, um dispositivo analítico que se constitui ao longo do percurso de análise, em um constante ir e vir da teoria para a análise e/ou vice-versa, como o movimento de um pêndulo (PETRI, 2013).

Antes de mais nada, vamos situar o leitor sobre o movimento #ELENÃO: ao longo da disputa presidencial, o candidato Jair Messias Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL), ficou conhecido por dar declarações polêmicas em diversos veículos de informação. O movimento #ELENÃO surgiu, inicialmente, nas redes sociais e ganhou as ruas no dia 29 de setembro de 2018. Contou, em sua maioria, com mulheres, além de apoiadores da causa, principalmente de esquerda e centro-esquerda, nas principais capitais do país e também em cidades do interior. Nesse ato, que reuniu milhares de pessoas no país, o corpo feminino, com grande frequência, apareceu como uma expressão simbólica do descontentamento do movimento com as declarações feitas pelo então presidenciável, hoje (2019) presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

A composição do nosso *corpus* foi feita a partir da seleção de algumas imagens do protesto #ELENÃO, do dia 29 de setembro de 2018, retiradas da página do Instagram Mídia Ninja, conhecida como um meio de comunicação alternativa ao sistema tradicional. Neste meio, a produção e distribuição de informações utiliza novas formas de tecnologias como meio de divulgação do seu material e, principalmente, aparece como um veículo de comunicação que dá voz a discursos não-hegemônicos que não têm espaço no meio jornalístico tradicional.

Desse modo, trazemos, em seguida, quatro imagens, que constituem nosso *corpus* de análise, para refletirmos sobre esse processo discursivo em que o sujeito mulher militante se individualiza, ora se desidentificando, ora se identificando com determinadas formações discursivas. O sujeito cria imagens de si e do outro e isso também se reflete no corpo, inscreve-se no discurso por meio de seus corpos pintados

e adesivados, reivindicando seu espaço principalmente por meio do corpo. As imagens a serem analisadas em nossa pesquisa serão apresentadas na sequência:

Figura 1



Fonte: Instagram, Mídia Ninja, 2018.

Figura 2 -



Fonte: Instagram, Mídia Ninja, 2018.

Figura 3



Fonte: Instagram, Mídia Ninja, 2018.

Figura 4



Fonte: Instagram, Mídia Ninja, 2018.

O corpo significa e Orlandi (2012) nos diz que ele não pode ser pensado sem a materialidade do sujeito e é a vida material, as condições de produção, que condicionam o sujeito na vida social e política. O discurso é produzido nessas condições e o corpo do sujeito não é indiferente a isso.

Para a AD, o sujeito do discurso é interpelado pela ideologia, ele só existe quando pelo discurso, o que implica dizer que ele só se realiza quando assume um posicionamento ideológico dentro de uma formação discursiva (FD) que regula os dizeres que podem ser ditos. As imagens que selecionamos movimentam-se nesse sentido, alinhadas a uma formação discursiva que chamamos de feminista e que nega o discurso outro, a FD machista. Significa dizer que o discurso de resistência aparece em uma dada FD que é antagônica a uma outra FD, de modo que o sujeito se identifica com o primeiro para opor-se a saberes provenientes do segundo (RADDE, 2013).

Conforme nossa primeira imagem (Figura 1), no plano há uma mulher de expressão séria, cabelos curtos, tem os seios à mostra, em um dos mamilos há um adesivo de coração nas cores branca e roxa que representam as cores do movimento,

no outro, a inscrição #ELENÃO em tinta. A hashtag (#) remete-nos às redes sociais, onde o movimento iniciou, seguida das palavras “ELE NÃO” em caixa alta. Desde já, sublinhamos que o cabelo curto é recorrente nas imagens, entendemos que ele também pode ser um dos símbolos da mulher feminista, visto que ele é a expressão de liberdade, ou ainda, de oposição ao conceito de beleza machista. Dado que o culturalmente atraente é representado pela mulher de cabelos longos e lisos. E, com efeito, hoje, a mulher que opta por deixar seus cabelos curtos resiste aos já-ditos, onde o cabelo curto representa o masculino e o cabelo comprido o feminino.

Atentando aos elementos linguísticos inscritos nessas mulheres, o “#ELENÃO” é marcado pelo pronome pessoal que tem como referente Bolsonaro e o advérbio de negação recorrentes em nosso recorte de imagens. E essa negação representa claramente o discurso de resistência feminista que nega e busca desconstruir o discurso considerado machista proferido por Bolsonaro em diferentes ocasiões na mídia. A escolha das palavras, para Pecheux (2009), não ocorre por acaso, ela está relacionada com a ideologia porque é ela quem determina os sentidos, a fim de regularizar uma memória.

Esse discurso feminista constitui-se por um interdiscurso, trazendo à tona e repudiando discursos machistas de Bolsonaro. Essas declarações machistas, racistas e também homofóbicas foram dadas quando ele ainda era deputado federal. Bolsonaro chegou a ser denunciado ao Supremo Tribunal Federal (STF) e condenado, em alguns dos casos, a pagar indenizações às vítimas.

Logo, a militância feminina presente nas imagens toma o corpo como ferramenta política, assume um posicionamento contra o discurso machista e patriarcal predominante na nossa sociedade. Consideramos que o corpo não é indiferente à ideologia, pelo contrário, ele aponta para um posicionamento discursivo.

O movimento #ELENÃO aparece não só para repudiar as declarações de Jair Bolsonaro, mas também lutar contra uma FD machista e aos grupos cujo pensamento a ele se associam. A mulher militante busca desconstruir esses “saberes” e (re)criar sua identidade migrando para uma posição discursiva não subalterna, de denúncia à violência e à opressão. Essa contradição do sujeito feminista rompe com a estabilidade dos sentidos, mostrando-nos que a ideologia e a língua são falhas, pois não há um discurso imutável, já que ele se submete à língua pela qual o sujeito transita (RADDE, 2013).

Também chama atenção que, na Figura 1, no seio direito da manifestante, há uma cicatriz, indicando que ela, possivelmente, tenha retirado a mama em função de um câncer. Tradicionalmente, as mulheres que passam por esse procedimento optam pela reconstrução da mama, como uma maneira de “reconstruir” o corpo. No entanto, a mulher que vemos mostra sua cicatriz, ela reverte essa situação de fragilidade, de doença e mostra sua força, ela se empodera pelo próprio corpo, suas cicatrizes, sua luta. Ela (re) significa um conceito socialmente construído, individualiza-se por meio das marcas do seu corpo como se dissesse: “esse corpo é meu, essa cicatriz é minha, eu sou meu corpo, ele me pertence”.

A militante desidentifica-se com a formação discursiva patriarcal hegemônica e é interpelada por uma ideologia feminista, ou seja, identifica-se com uma formação-discursiva que vai contra os preconcebidos machistas e patriarcais. Para tanto, ela volta-se contra esses sentidos, ocupa espaços públicos e reivindica seu direito de circulação, além de chamar a atenção da sociedade para uma reflexão.

Na Figura 2, uma mulher está sentada na rua, em meio à manifestação, com o rosto pintado, as letras estão em desordem, mas indicam a expressão “ele não”. Pintar o rosto é diferente de pintar o corpo; os traços faciais nos identificam enquanto seres humanos únicos, singulares. Quando pintamos o rosto, estamos chamando atenção para algo mais importante que nossa singularidade, nossa personalidade. No caso da Figura 2, explicita a voz de um coletivo que diz “Ele não”. É um corpo que pertence a uma mulher, um ser humano que se mostra, que provoca reações e questiona o lugar do corpo feminino como objeto de desejo masculino. Esse corpo feminino que é rotulado pelo olhar masculino. O corpo abriga um ser humano. Esse corpo, primeiramente, abriga um ser humano.

No lugar em que normalmente usa-se o sutiã, foi colada uma fita transparente que “cobre” ficticiamente os peitos; ao mesmo tempo, essa fita também os deforma, recordando-nos sobre a censura pela qual o corpo passa. Os mamilos são umas das partes que a mulher “deve” esconder a todo custo. E essa fita não esconde o que “deveria”, pelo contrário, chama ainda mais atenção para os seios da mulher, desorganizando os sentidos, produzindo algo para reivindicar a posse sobre o próprio corpo e o direito de fazer dele o que lhe parecer conveniente.

Dentre os preconcebidos de nossa cultura está a ideia de que a mulher deve preservar sua integridade por meio do corpo, cobri-lo e não mostrar mais do que o “necessário”. Entre os dizeres machistas que circulam, aparece o de que a mulher que

mostra seu corpo publicamente é a vadia, a prostituta, a que quer chamar atenção. E esse é um dizer sedimentado socialmente. Quando nos deparamos com as imagens analisadas, entendemos que essas mulheres estão fazendo uma denúncia e nos dizendo que lugar de mulher é onde ela quiser. Mas sabemos que essa percepção é muito recente, por exemplo, a mulher que estava na rua, antigamente, era a “prostituta”, não era mulher séria, digna. E isso ainda se reflete hoje em dia, há uma diferença na forma de conceber a presença de homens e mulheres no espaço público, uma divisão histórica dos sentidos pelo gênero (CHAVES, 2017).

Sustentava-se a figura da mãe, dona-de-casa, dedicada ao lar, a rua era um espaço para tentações. A dona-de-casa era o oposto da mulher pública, a trabalhadora, operária que dependia do trabalho para seu sustento. A mulher pública era símbolo de perdição, de sujeira, enquanto a dona-de-casa, de honestidade e limpeza. Para Ribeiro (2017), o que era classificado como prostituta em documentos médicos e jurídicos do século XIX, era tudo aquilo que escapava aos padrões impostos às mulheres da época.

Assim, vemos que essas mulheres ressignificam seu corpo, desestabilizam os sentidos do que seria um corpo público (um corpo objetificado pelo sexo masculino), e a militância se apropriaria desses sentidos já estabilizados para transformá-los em outros.

Na terceira imagem (Figura 3), temos a representação de violência sofrida pela mulher. Ela está deitada em meio à rua, ao redor dela formou-se uma multidão que parece registrar a performance nos seus aparelhos de telefone. A mulher está pintada com tinta vermelha, simulando sangue, está vestindo uma calcinha e top da cor da pele para simular a nudez. Tem seus braços e pernas amarrados ao Pau de Arara, instrumento utilizado durante a ditadura brasileira para torturar prisioneiros políticos.

Isso nos remete ao interdiscurso, já que o discurso presente durante a ditadura retorna para a atualidade, de modo que nessa imagem são retomados os já-ditos. Remetem à tortura, à ditadura militar, esse discurso ressurgiu e possibilita novas discussões políticas sobre a tortura no período militar, mas também a tortura que as mulheres sofrem hoje em dia. São dois movimentos que permitem a reflexão, um sobre a ditadura militar e outro sobre a tortura que a mulher sofre hoje em dia. A vulnerabilidade do sujeito pode ser vista também em seu corpo, quer dizer, quando expomos nosso corpo nos sentimos vulneráveis, ameaçados e isso é recorrente na história, uma vez que o corpo era castigado e punido.

Na Figura 4, observamos uma jovem de cabelo curto que segura acima da cabeça um cartaz, nele está escrito “não” há mais um desenho e um texto que não é possível ler. A mulher está com a parte superior do corpo à mostra, exceto os mamilos, nos quais, em cada um deles, há um adesivo com a expressão “ele não”. Ao fundo da imagem, aparecem três homens e um grupo de mulheres. As cores predominantes nos cartazes ao fundo também são roxas e brancas. Nessa imagem podemos perceber que existem algumas regularidades com as demais, o cabelo curto, por exemplo, aparece em 3 das 4 imagens, o corpo novamente está à mostra, mas é interessante perceber que, nas Figuras 1, 3 e 4, há um limite para o corpo, ele não está totalmente nu, mostram-se os seios até um certo limite, os mamilos estão cobertos nas Figuras 1 e 4; já na Figura 3, o top cor de pele simula a nudez. Apesar de esse questionamento ser levantado na Figura 2, parece existir um limite de comportamentos aceitos dentro dos movimentos feministas.

Percebemos que há um sujeito feminista que se inscreve em uma formação discursiva, utiliza o corpo para criar um discurso de resistência que rompe com os discursos hegemônicos socialmente sedimentados que pertencem a um discurso patriarcal ou a uma formação-discursiva patriarcal.

As imagens, em questão, podem não agradar, todavia, de modo algum, nesse contexto histórico e social passarão por indiferentes, elas causam uma impressão para quem as vê, ainda que impactantes, não deixam de inquietar com a “ordem natural das coisas”. Os gestos de interpretação permitem apreender sobre a maneira como a materialidade discursiva é afetada pelo ideológico, histórico e o político

5 CONCLUSÃO

Os dizeres que constituem as imagens analisadas se produzem como resposta ao momento histórico no qual nos encontramos. Movimentam sentidos sobre a mulher e o seu corpo, provocam e desestabilizam discursos hegemônicos. Ao longo da história, minorias políticas têm buscado o espaço público para reivindicar seu espaço, dessa forma, grupos feministas ou, ainda, grupos de mulheres têm atuado como resistência a discursos patriarcais e machistas (re) inscrevendo o sujeito e criando novas identidades. A mulher desconstrói os sentidos que o sexo masculino atribui ao seu corpo, modifica esse olhar ao produzir novos sentidos, dessa vez, sob o seu ponto de vista.

O discurso dos sujeitos produzido pelas imagens analisadas é de resistência e sua materialidade está nas marcas inscritas na linguagem e no corpo. São criados novos processos de subjetivação e identificação do sujeito feminista, produzindo uma ruptura em discursos hegemônicos. Os deslocamentos de sentidos colocam em funcionamento outros sentidos sobre a mulher na sociedade. O corpo é um lugar de fala assim como a língua, além de ser uma ferramenta política, a partir do qual podemos compreender mais sobre as relações de poder em sua articulação com o político e o ideológico.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO GARCIA, Dantielli.; Abrahão e Sousa, Lucília, M. **A Marcha das vadias nas redes sociais: um discurso da militância?** Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, 43 (3): p.1041-1055, set-dez, 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/504>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELELI, I. Corpo e identidade na propaganda. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, nº 15 (1): 280, jan-abr. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000100012>>. Acesso em: 15 de nov. 2018.

BERGUER, M. **Corpo e identidade feminina**. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

BLOCH, R. H. **Misoginia Medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

CHAVES, T. V. **Vadiagens, mulheres e rua: quando a memória perde o trajeto e quando eles se cruzem no meio da rua**. In: ZOPPI-FONTANTA, M; FERRARI, A. J. Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia. v. 1 – Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 171-188.

CHAVES, T. V. **Marcha das Vadias: Corpo, Sujeito e Ideologia**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, SC, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373214410_ARQUIVO_trabalhocompletotyaraveriato.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

DAVALLON, J. **A imagem, uma arte de memória?** In: ACHARD, P. Papel da Memória. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999. p. 23-37.

FERREIRA, M. C. L. **O corpo enquanto objeto discursivo**. In: PETRI, V; DIAS, C. Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria, Ed. Da UFSM, 2013, p. 99-108.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, A. D; ABRAHÃO, L. M. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 44 (3): p. 991-1008, set-dez, 2014.

Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032>>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

INDURSKY, F. **Formação Discursiva**: ela ainda merece que lutemos por ela por ela? Anais do SEAD, UFRGS, 2016. Disponível em: <<http://analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/FredaIndursky.pdf>>. Acesso em 23 ago. 2019.

INDURSKY, F. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e à deriva. nº 24, 2013. p.91-104. In: *Dossier: "Análisis del Discurso en Brasil: teoría y práctica.*

Revista del Instituto de Lingüística. Disponível em: <<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/118/86>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido, Ideologia. Campinas, SP, Pontes, 2012. p. 239.

ORLANDI, E. P. Exterioridade e Ideologia. In: KANAVILLIL R. (org.). **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, nº 30, jan/jun, p. 27-33, 1996.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. **Parkour**: corpo e espaço reescrevem o sujeito. Rev. Línguas e Instrumentos Linguísticos, n. 34, jul-dez, 2014. Disponível em: <<http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo4.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

ORLANDI, E. P. **Textualização do corpo**: a escritura de si. In: Cidades dos sentidos. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: Verli Petri; Cristiane Dias. (Org.). **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria-RS: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, v. 1, p. 39-48.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít. Curitiba**. v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782010000200003&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 23 jun. 2019.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003.

RADDE, A. **Corpo e resistência(s) na constituição do sujeito**: o discurso do corpo na marcha das vadias. SENALE, UFRGS, 2013. Disponível em: <http://www.ucpel.tche.br/senale/cd_senale/2013/Textos/trabalhos/104.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

RIBEIRO, 2017

SCHNEIDERS. C. M. **Atravessamento de saberes nos estudos sobre a linguagem no/do Brasil nos anos 50**. Dissertação de mestrado, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. UFSM, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9838/SCHNEIDERS%2C%20CAROLINE%20MALLMANN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**. Porto Alegre, RS. v. 12, n. 18, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; FERRARI, J. **Mulheres em Discurso**: gênero, linguagem e ideologia. v.1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ZOPPI-FONTATA, M. G; FERRARI, A. J. **Uma análise discursiva das identificações de gênero**. ZOPPI FONTATA, M. G; FERRARI, A. J. In. *Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p.7-19.